



## PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR SEPSE NO ESTADO DO PIAUÍ

### REVISÃO INTEGRATIVA

ARAÚJO, Eronice Ribeiro de Moraes<sup>1</sup>, NASCIMENTO, Francisco Sales Rodrigues do<sup>2</sup>

ARAÚJO, Eronice Ribeiro de Moraes. NASCIMENTO, Francisco Sales Rodrigues do.

**Perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no estado do Piauí.** Revista Científica

Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 06, Vol. 04, pp. 55-63. Junho

de 2022. ISSN: 2448-0959, Link de

acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/obitos-por-sepse>, DOI:

10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/saude/obitos-por-sepse

### RESUMO

Contexto: a sepse é a disfunção decorrente de uma infecção nos órgãos ocasionada pela inflamação irregular no organismo, e em quadros graves ela provoca uma vasodilatação e a diminuição da pressão arterial. Logo, essa pesquisa teve como questão norteadora: qual é o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no estado do Piauí? Objetivo: com isso, o objetivo do presente artigo foi mapear o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no estado do Piauí-PI, contribuindo com conhecimento para os gestores em saúde pública, a fim de que possam organizar estratégias no combate à sepse, detectando e realizando o tratamento da patologia de maneira preliminar. Metodologia: trata-se de uma pesquisa epidemiológica, do tipo retrospectiva, realizada na plataforma do DATASUS no mês de maio de 2022, referente aos óbitos por sepse no estado do Piauí- PI, pertencentes ao período de janeiro de 2018 a dezembro de 2021, em que foram incluídos dados como: faixa etária, sexo e cor/raça de indivíduos maiores de 20 anos. Resultados: com a realização desta pesquisa foi possível analisar o perfil epidemiológico dos pacientes por sepse no Estado do Piauí-PI. Assim, quanto a faixa etária, observou-se que o perfil mais acometido por óbitos pela septicemia corresponde aqueles que possuem mais de 65 anos de idade, sendo que os que mais tendem a sofrer com a patologia são os que possuem 80 anos ou mais, com incidência de 28,37%. Assim, quanto ao número de óbitos registrados durante os quatro anos pesquisado em relação ao sexo, verificou-se que o feminino representou um percentual de 50,46%, enquanto o masculino representou 49,49%. E, quanto à cor/raça, evidenciou-se que os enfermos que mais vêm a óbito por septicemia são aqueles que se declaram de cor parda seguidos de amarelos e brancos. Considerações: diante disso, espera-se com este estudo que as autoridades epidemiológicas se mantenham em alerta na prevenção da sepse, pois



durante o estudo pôde-se observar que a taxa de mortalidade é maior nos pacientes da terceira idade.

Palavras-chave: Sepses, Epidemiológico, Óbito, Perfil.

## 1. INTRODUÇÃO

A palavra Sepses é derivada do termo grego *skeptikós* e foi descrita pela primeira vez por Hipócrates em 460-377 a.C. Sendo assim, ela está relacionada com a decomposição dos corpos quando há um comprometimento das células, provocando a morte do material biológico (ILAS, 2015). Esse agravo, por sua vez, é caracterizado por uma disfunção decorrente de uma infecção nos órgãos ocasionada por uma inflamação irregular do corpo (WESTPHAL, *et al.*, 2018).

Logo, a sepses é um distúrbio biológico que atua de maneira hostil à vida secundária, respondendo de forma irregular ao hospedeiro de uma infecção (DOS SANTOS, *et al.*, 2019).

Diante disso, calcula-se que em todo mundo, cerca de 15 a 17 milhões de indivíduos apresentam quadro de sepses por ano, e aproximadamente 670 mil desses casos notificados são do Brasil (LOBO, *et al.*, 2019). Nesse sentido, estudos indicam que a mortalidade desta patologia corresponde a 240 mil óbitos por ano e dos leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do país, 30% são ocupados por pacientes com esse agravo (ILAS, 2016).

No escore Sequential Organ Failure Assessment (SOFA), em decorrência da contaminação, o distúrbio patológico aumenta em dois pontos (DE ALMEIDA *et al.*, 2018).

Segundo AMIB (2019), caracterizar-se como Síndrome de Resposta Inflamatória Sistêmica (SRIS) quando se tem a presença de pelo menos dois dos seguintes sinais: temperatura central abaixo de 36° C ou acima de 38,3°C; frequência cardíaca maior que 90 bpm; frequência respiratória acima de 20 irpm; PaCO<sub>2</sub> menor de 32 mmHg; necessidade de ventilação mecânica; leucócitos totais > 12.000/mm<sup>3</sup> ou < 4000/mm<sup>3</sup> ou > 10% formas jovens. No entanto, é oportuno destacar que a SRIS secundária diz



respeito a ação maléfica comprovada ou hipótese sem exigência do reconhecimento do agente etiológico.

Diante disso, a sepse provoca no paciente a angioedematosidade e a diminuição da pressão arterial, o que pode causar um quadro de choque séptico no indivíduo (COREN-SP, 2017). Nesse caso, o organismo libera substâncias inflamatórias que aumentam e facilitam o extravasamento de líquidos para os órgãos e todo corpo. Esse tipo de mudança que ocorre no sistema circulatório diminui o oxigênio e os nutrientes do organismo e, assim, ocasiona uma hipóxia e falência múltipla dos órgãos (SILVEIRA; FERREIRA; LAGE, 2014).

Nesse aspecto, o choque séptico é caracterizado pela falência aguda do sistema circulatório determinado pela insistência de hipotensão arterial em paciente com essa enfermidade. Assim, esta hipotensão é definida como “pressão arterial sistólica < 90 mmHg, redução de > 40 mmHg da linha de base, ou pressão arterial média < 60 mmHg, a despeito de adequada reposição volêmica, com necessidade de vasopressores, na ausência de outras causas de hipotensão” (AMIB, 2019, p. 2).

Posto esse contexto, alguns estudos indicam que a sepse é um problema de saúde pública. Logo, por se tratar de uma temática de grande relevância, essa pesquisa buscou responder a seguinte questão norteadora: qual é o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no estado do Piauí? Tendo, portanto, o objetivo de mapear o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no Estado do Piauí-PI, contribuindo com conhecimento para os gestores em saúde pública, a fim de que possam organizar estratégias no combate à sepse, detectando e realizando o tratamento da patologia de maneira preliminar. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica-exploratória a fim de apontar o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse entre os anos de 2018 a 2021 no Estado do Piauí.



## 2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa transversal, descritiva e retrospectiva, de natureza epidemiológica, que se baseou nos dados fornecidos e retirados da base de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) (DATASUS).

Os dados extraídos na plataforma em maio de 2022 corresponderam ao período de janeiro de 2018 a dezembro de 2021, abrangendo os casos de óbitos confirmados no Estado do Piauí-BR. Sendo assim, as variáveis avaliadas nos resultados foram: óbitos de acordo com processamento, segundo a faixa etária, o sexo e a cor/raça da lista Morb CID-10: Septicemia.

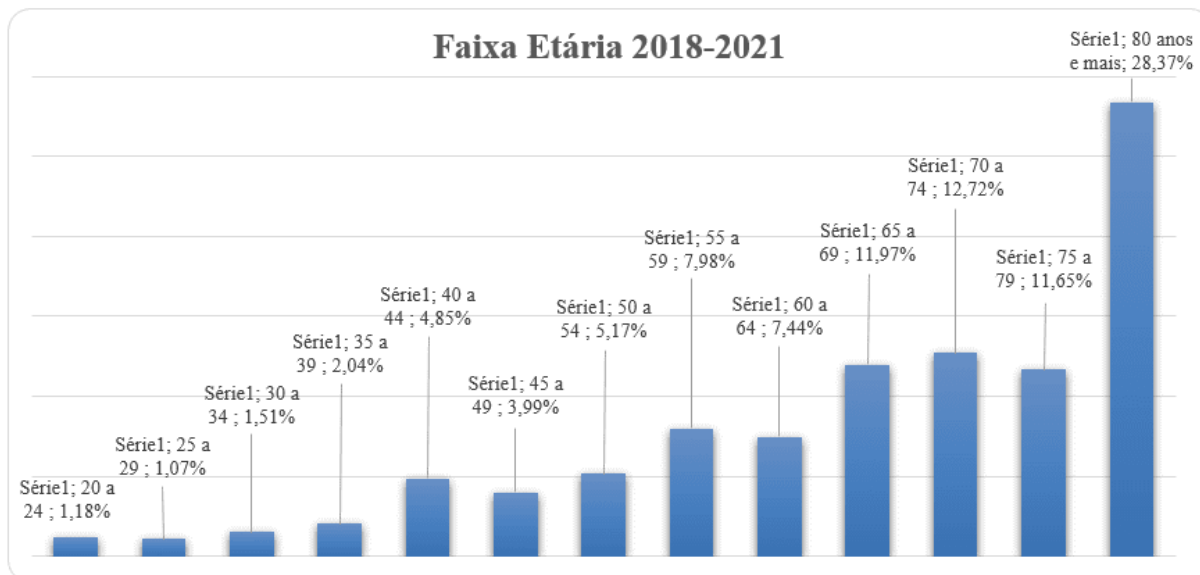
Esses dados epidemiológicos foram filtrados para estudos por meio do aplicativo TABNET, a partir de suas caixas de opções (linha, coluna e conteúdo). Assim, por se tratar de dados secundários extraídos de um banco de domínio público, não foi necessário submeter o trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Por fim, a metodologia utilizada usou também artigos científicos de bases eletrônicas, como o Google, a SCIELO, o ILAS (Instituto Latino-Americano de Sepse), a AMIB (Associação de Medicina Intensiva Brasileira) e o Coren-SP, assim como obras de universidades públicas e privadas em função das palavras-chave: perfil epidemiológico da sepse, Saúde Pública e óbito.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a realização desta pesquisa pôde-se analisar o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no Estado do Piauí-PI, assim como caracterizar o perfil epidemiológico desses pacientes.

Tabela 1. Óbitos de acordo com faixa etária dos pacientes dados do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS(SIH/SUS) - DATASUS.



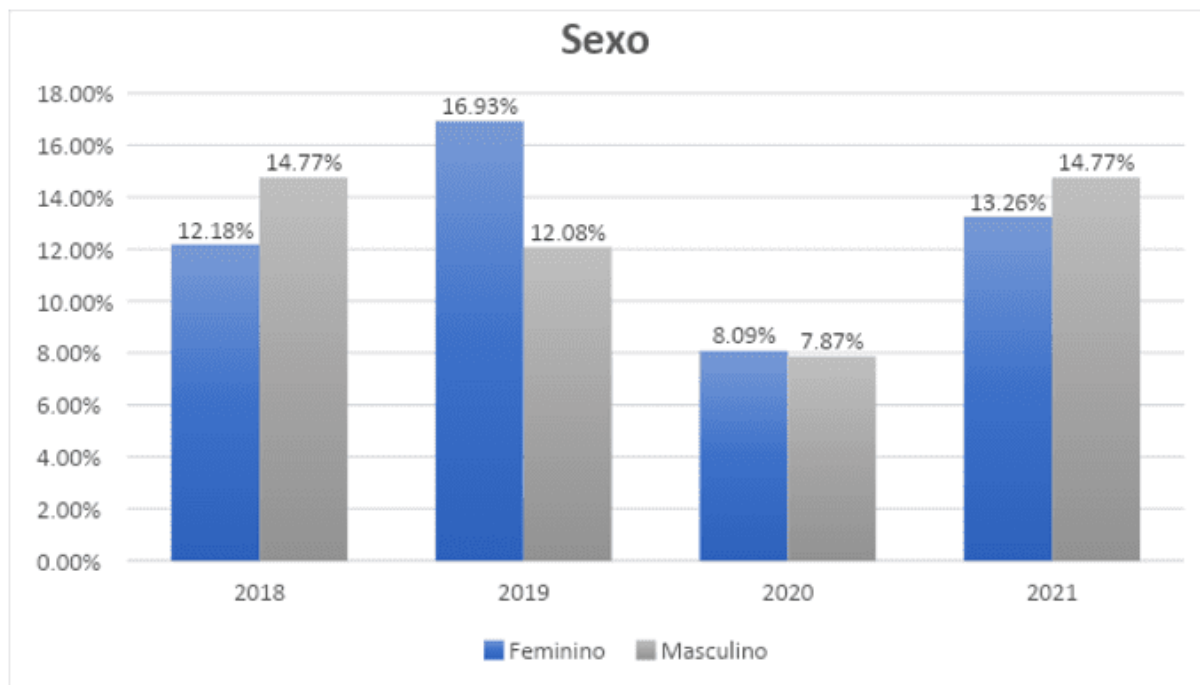
Fonte: Elaboração própria.

Através destes dados, é possível observar que a faixa etária mais acometida por óbitos pela septicemia diz respeito a que está acima dos 65 anos de idade, sendo que o percentual de mortalidade entre indivíduos de 65 a 79 anos de idade é de 11,97%, de 70 a 74 anos de idade é de 12,72%, de 75 a 79 anos de idade é de 11,65% e de 80 anos ou mais é de 28,37%. O que revela que a doença ataca em especial indivíduos da terceira idade, ocasionando uma crise de saúde pública.

Sob essa perspectiva, destaca-se que outros estudos transversais feitos com base em notificações do CID<sub>10</sub> – septicemia, no Brasil, também evidenciaram esse fenômeno, constatando que os pacientes que mais falecem por causa dessa patologia possuem idade superior aos 70 anos (JÚNIOR; GOMES, 2020).

Por outro lado, a tabela a seguir apresenta esses dados sob a função de outra variável.

Tabela 2. Óbitos de acordo sexo dos pacientes dados do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS(SIH/SUS) - DATASUS.



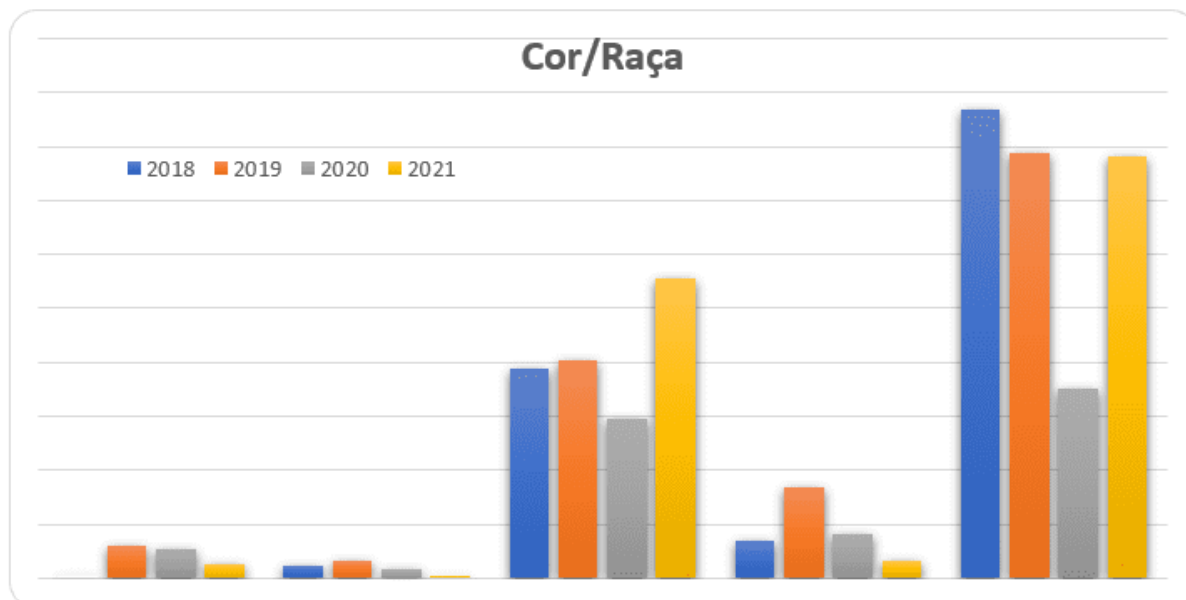
Fonte: Elaboração própria.

Mediante os dados apresentados acima, verificou-se que a incidência de óbitos foi maior em pacientes do sexo feminino (50,46%) do que em pacientes do sexo masculino (49,49%).

Todavia, em uma pesquisa feita em Alagoas, com 7.764 casos de internações de pacientes com sepse, pertencentes ao período de 2012 a 2017, observou-se que os pacientes do sexo masculino foram os mais acometidos pela doença com 4.172 casos (53,73%), enquanto as pacientes do sexo feminino foram menos atingidas, representando apenas 3.592 casos (43,26%) (SANTOS, et al., 2018).

Dessa forma, pesquisas elaboradas no Hospital Público do Paraná, com dados de janeiro de 2012 à janeiro de 2017, também constataram que dos 1.557 prontuários avaliados, 345 (62,3%) eram do sexo masculino e 209 (37,7%) eram do sexo feminino, sendo que 25,8% destes enfermos possuíam idade maior que setenta anos (DE CESARO; ZONTA, 2019).

Tabela 3. Óbitos de acordo com cor/raça dos pacientes dados do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS(SIH/SUS) - DATASUS.



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à característica de cor/raça, observou-se que os enfermos que mais vêm a óbito por septicemia são aqueles que se declaram de cor parda seguidos de amarelos e brancos. Enquanto aqueles que se declaram de cor/raça preta são os que menos vêm a óbito.

Entretanto, verificou-se também que o percentual daqueles que falecem sem informação de cor/raça é maior do que aqueles que informam. Em virtude disso, é preciso que o poder público crie políticas para identificar a cor/raça desses pacientes e saber quais são as suas vulnerabilidades às doenças e infecções com o objetivo de facilitar a prevenção e o tratamento da patologia.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou responder a questão norteadora: qual é o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no estado do Piauí? Com o objetivo de mapear o perfil epidemiológico dos óbitos por sepse no Estado do Piauí-PI.





Sendo assim, espera-se com este estudo que as autoridades epidemiológicas se mantenham em alerta na prevenção da sepse, pois durante o estudo pôde-se observar que a taxa de mortalidade é maior em pacientes da terceira idade.

Os dados apresentados mostraram que entre janeiro de 2018 a dezembro de 2021, o perfil dos indivíduos que mais veio a óbito apresentou como características serem de terceira idade, do feminino e da cor/raça parda.

Diante disso, destaca-se que o mapeamento do perfil epidemiológico dos pacientes acometidos pela sepse pode proporcionar uma melhor prevenção e cuidado, podendo diminuir a mortalidade e recuperar os indicadores de Saúde frente à septicemia.

Logo, os profissionais devem estar preparados para diagnosticar de forma precoce a enfermidade. Também, é preciso que as autoridades em Saúde pública se responsabilizem por fazer esse mapeamento de maneira responsável para melhorar os indicadores, através do Ministério da Saúde. Com isso, espera-se que estudos futuros possam apresentar valores mais reais sobre a sepse.

## REFERÊNCIAS

AMIB. Associação de Medicina Intensiva Brasileira. **Conceitos e epidemiologia da sepse**. São Paulo, v.1, p. 6-23, 2019. Disponível em: [https://cssjd.org.br/imagens/editor/files/2019/Maio/sepse\(1\).pdf](https://cssjd.org.br/imagens/editor/files/2019/Maio/sepse(1).pdf). Acesso em: 8 set. 2021.

DATASUS. Ministério da Saúde Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>. Acesso em: 01 mai. 2022.

DE ALMEIDA, Breda Macedo; SILVA, Renata Bonfim de Lima; DA SILVA, Joana D'arc Gonçalves. Sepse em queimados, análise de incidência e mortalidade da sepse em pacientes internados na unidade de tratamento de queimados do Hospital Regional da Asa Norte. **Programa de Iniciação Científica-PIC/Uniceub-Relatórios de Pesquisa**, Brasília, 3(1). p. 8-9, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5102/pic>. n. 3. 2017.5871. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pic/article/view/5871>. Acesso em: 13 mai. 2022.

DE CESARO, Maiara Cristina; ZONTA, Franciele do Nascimento Santos. Epidemiológico de pacientes de uma UTI em um hospital público do Paraná que





desenvolveram sepse. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 1, p. 501-506, 2019. Disponível em: <https://brazilianjournals.com>BJHR>article>view>. Acesso em: 01 mai. 2022.

DOS SANTOS, Allana Fernanda Sena *et al.* Perfil das autorizações de internação hospitalar por sepse no período de 2012 a 2017 em Alagoas, Brasil. **Revista de pesquisa em Saúde**, Maceió, Alagoas, v. 19, n. 2. p. 79-82, mai-ago, 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/10954>. Acesso em: 4 mai. 2022.

DOS SANTOS, Mayara Rocha *et al.* Morte por sepse: causas básicas do óbito após investigação em 60 municípios do Brasil em 2017. **Rev Bras Epidemiol**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 1-14, 28 nov. 2019. <https://doi.org/10.1590/1980-549720190012.supl.3> Disponível em: <https://scielosp.org/artcle/rbepid/2019.v22suppl3/e190012.supl.3>. Acesso em: 26 set. 2021.

ILAS. Instituto Latino-Americano de Sepse. **Perfil epidemiológico da sepse em uma unidade de terapia intensiva neonatal de hospitais brasileiros**. 2016. Disponível em: <https://ilas.org.br/spread-neo.php>. Acesso em: 4 set. 2021.

JÚNIOR, Adriano Menino de Macedo; GOMES, Simar Torres. Perfil epidemiológico dos óbitos ocasionados pela septicemia, na região Nordeste do Brasil, Estado do Rio Grande do **Revista Nordestina de Biologia**. Natal, Rio Grande do Norte, v. 28, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2236-1480.2020v28n1.53198>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/revnebio/article/view/53198>. Acesso em: 6 mai. 2022.

LOBO, Suzana Margareth *et al.* Mortalidade por sepse no Brasil em um cenário real: projeto UTIS brasileiras. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São José do Rio Preto, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 1-4, 2019. DOI: 10.5935/0103-507X.20190008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/XD867yzfcJGNpnMKhQg8wyb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2021.

SILVEIRA, Sylvia Rocha e; FERREIRA, Luiz Fernando Lucas; LAGE, Máira Harumi Higa. Fisiopatologia da sepse: revisão de literatura. **PUBVET**, Londrina, v. 8, n. 9, Ed. 258, p. 4-41, mai. 2014. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br/artigo/1200/fisiopatologia-da-sepse-revisatildeo-de-literatura>. Acesso em: 19 nov. 2021.

VIANA, Renata Andréa Pietro Pereira; MACHADO, Flavia Ribeiro; SOUZA, Juliana Lubarino Amorim de. **Sepse: um problema de saúde pública**. A atuação e colaboração da Enfermagem na rápida identificação e tratamento da doença. São Paulo, COREN-SP, 2017. Disponível em: <https://www.ilas.org.br/assets/arquivos/ferramentas/livro-sepse-um-problema-de-saude-publica-coren-ilas.pdf>. Acesso em: 15 set 2021.



WESTPHAL, Glauco Adrieno *et al.* *An electronic warning system helps reduce the time to diagnosis of sepsis.* **Rev Bras Ter Intensiva**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 414-422, 2018. DOI: 10.5935/0103-507X.20180059. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/CRkKhmpYhjCTJSz8t9Ws6rK/?lang=en>. Acesso em: 12 set. 2021.

Enviado: Maio, 2022.

Aprovado: Junho, 2022.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí, Brasil. ORCID: 0000-0003-0055-8189.

<sup>2</sup> Graduando em Enfermagem. ORCID: 0000-0001-5103-3644.